

## OS FINS DA EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE E KANT

EVERTON DE JESUS SILVA

Mestrando em filosofia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

E-mail: evertonjmj@gmail.com

**RESUMO:** O objetivo desta pesquisa é proporcionar uma reflexão acerca do pensamento de Kant e Paulo Freire sobre a educação, buscando apresentar a importância e a finalidade que esses autores atribuem a ela. Kant e Freire concebem a educação como um substrato indispensável no processo construtivo do homem, defendem a tese de que o homem não nasce pronto e acabado, mas é um ser inacabado e é devido a esse inacabamento que a educação possui uma função primordial, que é direcionar e possibilitar ao ser humano as condições necessárias para a construção de sua autonomia. Esta reflexão se baseará de maneira específica a partir das obras *Sobre a Pedagogia e Pedagogia da Autonomia*, que são de grande relevância para tratar da temática proposta neste artigo.

**Palavras-Chave:** Homem. Educação. Inacabamento. Autonomia.

**ABSTRACT:** The objective of this research is to provide a reflection about the thoughts by Immanuel Kant and Paulo Freire on education in order to highlight the importance and purposes that these authors attribute to it. Kant and Freire conceive of education as an essential substrate in the construction of man process, support the thesis that man is not born ready and finished, but it is an unfinished being and is due to this incompleteness that education has a key role, which it is direct and to enable the human conditions necessary for the construction of their autonomy. This reflection will be based in a specific way from the works *About Education and Pedagogy of autonomy*, which are of great importance to deal with the theme proposed in this article.

**Key words:** Man. Education. Incompleteness. Autonomy

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade fazer uma reflexão acerca da educação a partir das perspectivas apresentadas por Emmanuel Kant e pelo educador brasileiro Paulo Freire, buscando demonstrar a importância e a finalidade da educação. Kant e Freire concebem a educação como algo que diz respeito exclusivamente ao ser humano, os autores estabelecem a educação como base essencial e indispensável para a construção e o aprimoramento do próprio homem.

O ato de educar não é uma tarefa tão simples e superficial, mas requer uma profunda exigência, “rigoriedade” e comprometimento por parte de quem educa e de quem é educado, isto é, educador e educando precisam se colocar como sujeitos ativos na busca de um conhecimento dinâmico e que possibilite um processo de “abertura” para o acolhimento do outro. O ato de educar precisa despertar no educando e no educador um senso crítico e problematizador da realidade na qual vivem, contribuindo assim para uma maior autonomia do sujeito pensante.

Paulo Freire concebe o homem numa constante busca por ser mais como um ser inacabado, um projeto em aberto, ou melhor, um ser lançado no mundo e com o mundo, sendo justamente no estabelecimento de uma relação profunda e dinâmica entre o eu, o outro e o mundo que cada um de nós vai se realizando e se construindo enquanto homem.

Nesta mesma perspectiva, Kant ressalta a importância da educação ao afirmar que o ser humano, diferentemente dos animais, precisa ser educado para que possa agir de maneira correta e equilibrada. Kant apresenta a educação como sendo o cuidado, a disciplina e a instrução, que se configura como fator indispensável para o bem agir do homem.

Freire e Kant concebem o homem como um ser inacabado e é justamente por esse inacabamento que os dois autores afirmam a necessidade do sujeito pensante ser educado. A construção desse processo educativo dá-se ao passo em que os seres humanos vão interagindo com outros indivíduos e outras culturas.

## 2. A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE

O pensador e educador brasileiro Paulo Freire, ao pensar sobre a educação, não a concebe de maneira distante e desconectada da realidade dos estudantes; ao contrário, acredita numa educação emancipadora que eleva e humaniza o homem. A educação é uma vivência plena do nosso dia a dia; é um constante problematizar das coisas que estão à nossa volta; é uma busca constante pelo que desejamos conhecer. Na concepção freiriana, não se pode encarar a educação a não ser como um fazer humano e esse fazer dá-se no tempo e no espaço, ao passo que os indivíduos se inteiram uns com os outros.

A educação é algo essencialmente humana, somente o homem pode ser educado, pois é capaz de pensar sobre si mesmo e indagar qual é a sua posição e finalidade no mundo. Na perspectiva do educador brasileiro, não é possível, ou melhor, não faz sentido pensar a existência de uma teoria pedagógica onde o sujeito pensante é neutro, ou seja, não participa do processo de elaboração e construção do saber.

O homem é um ser social, cultural e histórico, sua realização máxima se dá no encontro com o outro que é construído através da dialogicidade. O ser humano é um constante devir, é um estar lançando no mundo, é um vir a ser que se constrói através da educação e do seu enraizamento no mundo. O ser humano é um ser que se transforma e transforma o outro, ao passo que vai sendo instruído através do fazer educativo. Não se pode fazer uma domesticação do homem, pois, diferentemente dos demais animais, o homem não pode ser domesticado, mas apenas educado. Neste sentido, não é possível reificar o ser humano, ele é um ser dinâmico e em plena formação; educar o homem é contribuir para a sua autonomia e libertação.

Pensar o homem e a educação em Paulo Freire é pensar segundo a realidade concreta, e não como uma mera fantasia que só existe no mundo da abstração. O homem é um ser que transforma a realidade em que vive e isso só é possível porque é capaz de agir e refletir. Segundo Freire (2001), não basta o homem estar no mundo, é preciso que tenha consciência disso, pois só existe transformação onde existe consciência; ao pensar o mundo, o homem pensa a si mesmo e, pensando sobre si, torna-se também inserido no mundo.

O homem concreto pensado por Freire é um ser que existe numa situação concreta, onde é capaz de pensar, refletir e agir sobre a realidade, sendo um sujeito “encarnado” no mundo e para o mundo. Como bem argumenta Paulo Freire (2001, p. 17), “[...] se ação e reflexão, como constituintes inseparáveis da práxis, são a maneira humana de existir, isto não significa, contudo, que não estão condicionadas, como se fossem absolutas, pela realidade em que está o homem”. Para demonstrar essa íntima relação entre o homem e o mundo, o autor assegura que,

Assim como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem – realidade. Esta relação homem – realidade, homem – mundo, ao contrário do contato animal com o mundo [...] implica a transformação do mundo, cujo produto, por sua vez, condiciona ambas, ação e reflexão. É, portanto, através de sua experiência nestas relações que o homem desenvolve sua ação-reflexão, como também pode tê-las atrofiadas. Conforme estabeleçam estas relações o homem pode ou não ter condições objetivas para o pleno exercício da maneira humana de existir (FREIRE, 2001, p. 17-18).

Só é possível pensar uma plena realização da educação e do próprio homem enquanto ser aberto e inacabado se houver um engajamento na realidade concreta. É necessário comprometer-se com o próprio ato da existência. Só existe transformação se houver atuação e atuar no mundo é uma tarefa própria do homem que assume a função de trabalhar em prol da humanização do homem e no mundo. De acordo com o pensamento do educador brasileiro, o desejo de atuar sobre o mundo é algo próprio do homem, algo que

parece já existir na sua essência de ser homem, mas quando são “[...] impedidos de atuar, de refletir, os homens encontram-se profundamente feridos em si mesmos, como seres do compromisso. Compromisso com o mundo que deve ser humanizado para a humanização dos homens” (FREIRE, 2001, p. 18).

Ainda sobre esse engajamento do homem no mundo e com o mundo, Paulo Freire acredita que esse compromisso com a humanização do homem é o que implica uma responsabilidade histórica. Mas como se dá essa realização e humanização do homem? O próprio autor responde: “[...] não pode realizar-se através do palavrório, nem de nenhuma outra forma de fuga do mundo, da realidade concreta, onde se encontram os homens concretos” (FREIRE, 2001). O autor é mais incisivo ao afirmar que o “compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas ‘águas’ os homens verdadeiramente comprometidos ficam ‘molhados’, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro” (FREIRE, 2001, p.19).

Diante dessa citação, é perceptível como o autor defende o engajamento do homem no mundo como um fator determinante para a transformação do próprio ser humano e do mundo no qual está inserido. Porém, este engajamento requer um ato de coragem e decisão, é um projetar-se e ao mesmo tempo um lançar-se no mundo, para o mundo e com o mundo, é “abraçar” a própria existência num ato de coragem e determinação. Quando o homem decide atuar frente à realidade, esse ato de coragem implica uma não neutralidade em relação ao mundo, deixa de ser passivo e passa ser ativo na construção e edificação do ser homem.

A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso. Este medo quase sempre resulta de um “compromisso” contra os homens, contra sua humanização, por parte dos que se dizem neutros (FREIRE, 2001, p.19).

Comprometer-se com a educação ou com a humanização do sujeito pensante é acreditar numa causa maior que motiva e dá sentido a esse agir no mundo. Paulo Freire não acredita em uma neutralidade dos indivíduos; segundo ele, aqueles que se dizem neutros na verdade são medrosos, têm medo de assumir um compromisso verdadeiro com a existência do homem e do mundo, assumindo assim um falso “compromisso”. “Estão ‘comprometidos’ consigo mesmos, com seus interesses ou com os interesses dos grupos aos quais pertencem. E como este não é um compromisso verdadeiro, assumem a neutralidade impossível” (FREIRE, 2001, p.19).

Mas, o que seria então um compromisso verdadeiro, o qual Paulo Freire defende? “O verdadeiro compromisso é a solidariedade, e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se encontram convertidos

em ‘coisas’” (FREIRE, p.19). O homem freiriano é um ser de relação que está inserido num contexto histórico-social, em cuja inter-relação vai construindo o seu eu, por isso é comprometido com a causa de todos.

Para que o ser humano possa desenvolver sua capacidade crítica e reflexiva, Paulo Freire fala sobre a importância da educação, ressaltando que ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Lê-se nas palavras do autor:

Outro saber de que não posso duvidar sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto no esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento [...] (FREIRE, 2000, p.110).

Paulo Freire acreditava numa educação mais humanizada, uma educação pensada e construída dentro da realidade do educando, o ato de educar em Paulo Freire se dá numa horizontalidade e não em uma verticalidade, isso é possível graças ao diálogo, que deverá colocar professor e aluno em igualdade para se educarem mutuamente.

Pode-se dizer que uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é oferecer as condições necessárias para que os educandos ao estabelecerem “[...] relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se” (FREIRE, 2000, p. 46). Mas, de que maneira se daria esse assumir-se, na concepção freiriana? Na argumentação do autor, seria um “[...] assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos [...] assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros” (FREIRE, 2000, p. 46). Freire caracteriza essa realidade como sendo a “[...] ‘outridade’ do ‘não eu’, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu” (FREIRE, 2000, p.46).

A educação na perspectiva freiriana é um constante construir juntos, é uma reflexão diária entre educador e educando. Ensinar não é transferir conhecimento, mas possibilitar condições reflexivas para que a aprendizagem possa acontecer. Só existe conhecimento onde existe abertura e acolhimento do outro e para o outro.

“[...] saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 2000, p. 52).

Portanto, Paulo Freire apresenta o homem como um ser de relação, que constrói e se deixa construir ao mesmo tempo. O homem está no mundo e com o mundo: “[...] se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não-eu” (FREIRE, 2001, p. 30). Isso dá ao homem a capacidade de relacionar-se, isto é, de sair de si mesmo e projetar-se nos outros; transcender. “Estas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo[...] o animal não é um ser de relações, mas de contatos. Está no mundo e não com o mundo” (FREIRE, p. 30).

### 3. O HOMEM ENQUANTO SER INACABADO

Como já foi dito anteriormente, a educação é uma aposta, é um caminho que tem como finalidade proporcionar o bem humano, ela propicia aos indivíduos uma melhor convivência, isto é, oportuniza os seres humanos se relacionarem de maneira civilizada. Na obra *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire afirma que ensinar exige consciência do inacabamento. O ser humano na sua finitude é capaz de reconhecer-se como ser inacabado, ou seja, incompleto, precisa se lançar na busca de algo que possa possibilitar um sentido para a sua existência.

Paulo Freire (2000, p. 55) sustenta a teoria de que somente o homem pode ser educado, justamente porque tem consciência da sua incompletude. “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente”.

Os seres humanos são capazes de mudar a realidade e dá um sentido à sua existência, é um ser criativo e dinâmico que está sempre criando e transformando-se. Diferentemente do mundo dos humanos, os animais irracionais vivem numa determinada realidade, mas não são capazes de transformá-la, eles possuem uma programação instintiva, enquanto o homem é dotado de racionalidade.

Lê-se em Paulo Freire, (2000, p. 55-56):

[...] a invenção da existência a partir dos materiais que a vida oferece levou homens e mulheres a promover o *suporte* em que outros animais continuam, em mundo, mundo dos homens e das mulheres. A experiência humana no mundo muda de qualidade com relação à vida animal no *suporte*.

Mas o que seria esse suporte? Na visão do autor,

O suporte é o espaço, restrito ou alongado, que o animal se prende “afetivamente” quanto para resistir; é o espaço necessário a seu crescimento e que delimita seu domínio. É o espaço em que, treinado, adestrado, “aprende” a sobreviver, a caçar, a atacar, a depender-se num tempo e dependência dos adultos imensamente menor do que é necessário ao ser humano para as mesmas coisas [...] (FREIRE, 2000, p. 56).

Diante de tal citação, percebe-se que o ser humano é dotado de inteligência em relação aos animais, porém, o homem é mais frágil e mais dependente. É por isso que Freire sustenta que “[...] no suporte, os comportamentos dos indivíduos têm explicação muito mais na espécie a que pertencem os indivíduos do que neles mesmos. Falta-lhes liberdade de opção. Por isso, não se fala em ética entre os elefantes” (FREIRE, 2000, p. 56).

Através da interação e da sociabilidade, o ser humano foi criando e aperfeiçoando o seu espaço, a solidariedade entre as pessoas fez com que cada vez mais o homem atribuísse um sentido para a existência. Na perspectiva freiriana, isso acontece quando o “[...] corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não “espaço” vazio a ser preenchido por conteúdos” (FREIRE, 2000, p. 57). Neste sentido, Paulo Freire afirma a capacidade do ser humano de intervir no mundo, de ajuizar e principalmente “de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, de dignificantes testemunhos, mas capazes também de impensáveis exemplos de baixeza e de indignidade” (FREIRE, 2000, p. 57).

O ser humano tem consciência dos seus limites, isto é, sabe que é inacabado, precisa se aprimorar, lançar-se em direção ao outro para realizar-se e fazer-se homem com o outro. A consciência do inacabamento é a possibilidade de homens e mulheres cultivarem e desenvolverem suas potencialidades. Ressaltado a importância do inacabamento humano, Paulo Freire diz: “gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado” (FREIRE, 2000, p. 59).

O contexto histórico, cultural e social permitiu ao homem ter a consciência que é um ser em aberto, não está pronto, o homem é um constante vir a ser, é devido a essa consciência que o ser humano se constrói e transforma a realidade em que vive. O homem não é o único ser inacabado, porém, é o único que tem ciência disso, os demais seres não têm consciência do seu inacabamento. “O cão e a árvore também são inacabados, mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado” (FREIRE 2001, p. 27). O que já está pronto e acabado não necessita passar por “transformações”, mas o que é inacabado é um construir-se constantemente.

O ser humano é o único ser capaz de refletir sobre si mesmo e pensar antes de agir

é um ser que possui ciência da própria existência. Paulo Freire acredita que o homem “[...] é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação” (2001, p. 27).

Diante de tantas indagações acerca do homem e do seu inacabamento, surge uma questão: o que seria genuinamente a educação na concepção de Paulo Freire? O próprio autor responde: “A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição” (2001, p. 27-28). O autor continua sua afirmação em torno da educação dizendo que ela “[...] implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém” (2001, p. 28).

Portanto, esta busca constante do homem não é apenas um buscar por buscar, mas é um ir ao encontro de um si mesmo que ainda não é. No entanto, esse ir ao encontro de si mesmo não pode ser entendido como uma busca individual e isolada dos demais. Todo conhecimento é sempre resultado e reflexão de uma coletividade. No entanto, “[...] esta busca deve ser feita com os outros seres que também procuram ser mais e em comunhão com outras consciências, caso contrário se faria de umas consciências, objetos de outras. Seria “coisificar” as consciências” (2001, p. 28). É dentro desta visão coletiva que Paulo Freire pensa a finalidade da educação e afirma, de maneira sábia, que “o homem, não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca” (2001, p. 28).

Ainda acerca dos fins da educação, é de suma importância fazer o seguinte questionamento: qual é a finalidade da educação para o homem? Pode-se dizer que um dos seus objetivos seria criar condições para a “construção” de seres conscientes do seu papel a ser desenvolvido na sociedade, possibilitando o pleno desenvolvimento da cidadania.

A educação se dá na concretude e plenitude de realização do homem, enquanto homem, esse sujeito pensado por Freire, não é um indivíduo idealizado metafisicamente, mas um ser concreto e consciente de si mesmo e da sua ação no mundo. Falar da finalidade da educação é pensar em transformação e numa mudança constante.

Por fim, diante das análises realizadas sobre a educação e a sua finalidade, pode-se dizer que “Os fins da educação e da escola precisam também ser examinados na perspectiva do homem como um ser no mundo, como um ser situado social e historicamente, que vive em grupo” (PAVIANI, 1987, p. 33). Isso mostra que o comprometimento da educação é com o homem concreto, situado no tempo e no espaço, esse é o verdadeiro sentido e objetivo da educação. Ela pensa o homem concreto na coletividade e não de maneira abstrata e desconectada com mundo real. O homem não é possuidor de uma natureza imutável e



objetiva, mas é um ser em transformação permanente.

O comprometimento do homem com o mundo é uma tarefa de relação permanente, onde o sujeito pensante assume a sua condição humana.

[...] é desta relação constitutiva do homem com o outro e do homem com as coisas – relação que não ocorre apenas no mundo, mas com o mundo e pelo mundo – nasce o sentido da educação com os outros, como forma de transformação da natureza e como invenção e manipulação técnica das coisas (PAVIANI, 1987, p. 33).

Entretanto, educar, para Paulo Freire, é construir, isto é, libertar o homem do determinismo, levando-o a construir a sua autonomia. Para o educador brasileiro, tal autonomia se faz presente na definição e vocação ontológica do homem, de “ser mais”. Segundo ele, tal questão está diretamente associada à capacidade de transformar o mundo, é ao ato de transformar e atribuir sentido às coisas e a sua existência que ele afirma ser aí que se dá a principal diferenciação entre o homem e o animal.

#### 4. A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO EM KANT

Pensar a educação no contexto atual é procurar entender o homem a partir de uma visão holística e, portanto, não compartimentada. Entende-se por educação todo o processo de desenvolvimento das capacidades físicas, intelectual e moral do homem. Educar é possibilitar condições para o pleno desenvolvimento das potencialidades do sujeito pensante.

Diferentemente dos demais animais, o ser humano precisa ser educado e direcionado, para que possa agir de maneira equilibrada e consciente diante do mundo à sua volta. De acordo com a concepção kantiana,

[...] o homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Conseqüentemente, o homem é infante, educando e discípulo (KANT, 1999, p. 11).

O homem é um ser frágil, por isso precisa de cuidados especiais. É necessário ensiná-lo a dar os primeiros passos rumo ao amadurecimento e à construção do seu ser. Ao contrário dos humanos, “[...] os animais, portanto, não precisam ser cuidados, no máximo precisam ser alimentados, aquecidos, guiados e protegidos de algum modo” (KANT, 1999,

p. 11).

Emmanuel Kant, ao dizer que os animais não precisam de cuidados, demonstra que esta é uma questão que se refere propriamente aos humanos. O animal age de maneira instintiva, possuindo assim, uma programação natural que se repetirá sempre. Mas, quando Kant afirma que o homem necessita de cuidados, o que ele pretende dizer com isso? Segundo ele, “[...] por cuidados entendem-se as preocupações que os pais tomam para impedir que as crianças façam uso nocivo de suas forças” (KANT, 1999, p. 11).

Kant acredita que não basta somente o homem ser instruído; é necessário também à disciplina. “A disciplina transforma a animalidade em humanidade” (KANT, 1999, p. 12). A instrução e a disciplina têm como finalidade polir a animalidade do homem, para a sua plena humanização. A educação humaniza e prepara o homem para o bom convívio social.

O ser humano ao nascer já traz consigo todas as potencialidades racionais, necessitando, assim, de um despertar de tal potencialidade para uma ação racional e consciente. Nas palavras de Kant (1999, p. 12):

[...] um animal é por seu próprio instinto tudo aquilo que pode ser; uma razão exterior a ele tomou por ele antecipadamente todos os cuidados necessários. Mas o homem tem necessidade de sua própria razão. Não tem instinto, e precisa formar por si mesmo o projeto de sua conduta.

Os animais por possuírem apenas o lado instintivo, a própria natureza já se encarrega de suas habilidades, ou melhor, de sua forma de ser na natureza. Já o homem é dotado de racionalidade, e tal racionalidade vai aos poucos se aperfeiçoando desde o momento em que o sujeito vai sendo instruído. Kant assegura que é “[...] por ele não ter a capacidade imediata de o realizar, mas vir ao mundo em estado bruto, outros devem fazê-lo por ele” (1999, p. 12).

Ao se referir a todo o processo educativo do homem, Kant acredita que o próprio sujeito do conhecimento é responsável por explorar o seu potencial racional.

Kant entende a educação como um meio indispensável para a plena realização do homem enquanto homem. Ele afirma ser a educação um processo contínuo que se estende por todas as épocas. Esta visão de uma educação progressista é bem identificada no pensamento kantiano quando o mesmo faz a seguinte afirmação:

[...] uma geração educa a outra. Pode-se buscar o começo da humanidade num estado bruto ou num estado perfeito de civilização. Mas, neste caso, é necessário admitir que o homem tenha caído depois no estado selvagem e no estado de natureza rude (1999, p. 12).

Durante o processo educativo do homem que vai se dando no decorrer de sua

existência, Kant destaca a importância da educação como um instrumento primordial para lapidar a brutalidade do sujeito e torná-lo mais humano, ou melhor, mais humanizado. Kant destaca a importância de o homem ser disciplinado e orientado desde cedo; tal instrução o impedirá de cair em certa selvageria, ou melhor dizendo, numa animalidade, devido às suas inclinações. Diferentemente dos demais animais, cuja finalidade da existência se encontra pré-estabelecida pela natureza, o ser humano deve estabelecer por si mesmo o projeto de sua existência. Por isso não pode abrir mão da racionalidade. No entanto, o homem não consegue fazer isso sozinho e de modo imediato, neste sentido, torna-se indispensável a presença do outro. Desse modo, Kant assegurava que uma geração educa a outra com a finalidade de desenvolver as disposições naturais existente no homem em direção ao bem.

O autor apresenta a disciplina como um referencial indispensável para a realização da conduta do indivíduo no que diz respeito ao seu processo formativo e educativo, e assegura que um homem que não tem cultura é um selvagem. Neste contexto, “A falta de disciplina é um mal pior que a falta de cultura, pois esta pode ser remediada mais tarde, ao passo de que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina” (KANT, 1999, p. 16).

Kant sustenta a tese de que a disciplina tem um papel primordial no processo educativo do homem, é através dela que o homem transforma a animalidade em humanidade. Exatamente por isso, a disciplina é, segundo Kant, “o que impede ao homem de desviar-se do seu destino, de desviar-se da humanidade, através das suas inclinações animais” (Kant, 1996, p.12). A disciplina é de suma importância visto que ajuda a coibir o lado selvagem do homem, uma vez que ela favorece o surgimento da obediência. O objetivo supremo da disciplina na educação é fazer com que os indivíduos aprendam a obedecer. A disciplina traz consigo a coação, necessária para afastar o homem de seu estado selvagem. A coibição aqui cumpre a tarefa de limitar a liberdade, mas não a liberdade em sentido moral, mas a liberdade selvagem, instintiva e irresponsável. Essa liberdade é aquela selvagem, encontrada no estado sem leis, onde impera a desordem, a violência e a brutalidade.

Kant apresenta a disciplina como um processo necessário para a compreensão que devemos sempre seguir regras. E, para seguir tais regras é preciso aprender a respeitá-las. Por fim, Kant nos ensina que é através da disciplina que os seres humanos aprendem a agir de modo organizado e refletido.

A máxima da educação no pensamento kantiano é o aprimoramento da espécie humana, ou seja, ela proporciona gozo e a felicidade do homem. O homem é um ser atemporal, isto é, um ser aberto para uma atividade constante do aprender sempre mais, é o verdadeiro devir. Como assegura Kant (1999, p. 16-17):

É entusiasmante pensar que a natureza humana será sempre melhor desenvolvida e aprimorada pela educação, e que é possível chegar a dar àquela forma, a qual em verdade convém à humanidade. Isso abre a perspectiva para uma futura felicidade da espécie humana.

O pensador alemão acredita que é somente através da educação que o homem se constrói enquanto homem; ela é o substrato que dá sentido e finalidade ao existir do ser homem na concepção kantiana. Para ele, o homem só se torna homem pela via da educação; caso contrário, não se tornará genuinamente homem. Kant entende a educação como uma “transmissão”, onde os homens educados vão educando os demais, esse processo educativo vai se estendendo de geração em geração. Afirmando a importância da educação para o ser humano, Kant (1999, p. 15) acredita que,

O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz. Note-se que ele só pode receber tal educação de outros homens, os quais a recebem igualmente de outros. Portanto, a falta de disciplina e de instrução em certos homens os torna mestres muito ruins de seus educandos.

Percebe-se no pensamento kantiano uma grande valorização da educação. Segundo Kant, ela tem um papel fundamental na construção e edificação do homem. A educação não é um sistema pronto e acabado, mas uma prática reflexiva e dinâmica que precisa ser exercitada constantemente. Para Immanuel Kant (1999, p. 19),

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humanidade espécie a seu destino.

Desde cedo, o homem precisa ser bem instruído para a vida e receber uma educação esmerada, capaz de ajudá-lo na transformação de si mesmo e do outro. Na perspectiva kantiana, a educação não pode acontecer de maneira compartimentada, mas a criança necessita ser educada levando em consideração uma vida futura. O filósofo apresenta uma visão de uma educação progressista, que não se realiza no aqui agora, mas é uma prática que tem como finalidade a perfeição humana. O autor argumenta que “[...] não se deve educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e da sua inteira distinção” (KANT, 1999, p. 22).

Kant acredita que a verdadeira educação deveria levar em consideração uma

dimensão futura do homem, mas o que se constata na sociedade é a existência de um processo inverso. “De modo geral, os pais educam seus filhos para o mundo presente, ainda que seja corrupto. Ao contrário, deveriam dar-lhes uma educação melhor, para que possa acontecer um estado melhor no futuro” (1999, p. 22).

É importante que toda a sociedade possa comprometer-se com a educação, uma vez que não é um privilégio de uma minoria, mas uma atividade que deve (deveria) atingir a todos. Para a plena realização da educação é indispensável o estabelecimento de um projeto educativo que seja executado, segundo Kant, de maneira cosmopolita. “Uma boa educação é justamente a fonte de todo bem neste mundo. Os germes que são depositados no homem devem ser desenvolvidos sempre mais. Na verdade, não há nenhum princípio do mal nas disposições naturais do ser humano” (KANT, 1999, p. 23). Kant sustenta, de maneira incisiva, que “A única causa do mal consiste em não submeter a natureza humana a normas. No homem não há germes, senão para o bem” (1999, p. 23).

Com esta afirmação, Kant queria dizer que não pode afirmar no homem uma vontade, uma razão praticamente legisladora que desejasse o mal. Então, considerando o seu caráter inteligível, a humanidade é integralmente boa. Neste sentido, compete ao ser humano optar por guiar-se pela sua razão ou não. Mas, o homem será autônomo na condição de conduzir-se pela razão, por isso a educação deve objetivar a racionalidade, isso porque na concepção Kantiana o ser racional pode promulgar para si a lei universal e assim, ser autônomo. Uma vez que o homem não nasce determinado para o bem ou para o mal, Kant sugere uma educação como aprendizagem do exercício das regras no plano teórico e prático.

Kant retrata com muita seriedade a dimensão educativa do homem, sustentando que o homem só se torna homem pela educação e que as pessoas que estão à frente também precisam estar preparadas para instruir bem os indivíduos em direção ao seu ideal máximo. Para demonstrar o compromisso e a importância do ato educativo no decorrer da vida humana, Kant chega a afirmar que “A direção das escolas deveria, portanto, depender da decisão de pessoas competentes e ilustradas” (KANT, 1999, p. 25). De acordo com o pensamento de Kant, aquelas pessoas que se encarregam da educação precisam saber verdadeiramente tudo o que requer a educação, do princípio ao fim, ou seja, devem reconhecer significativamente o processo educativo tais como os seus fundamentos epistemológicos. Aqueles que conhecem profundamente os verdadeiros objetivos e fundamentos da educação, estão melhor preparados para instruir os demais no caminho do bem.

Portanto, segundo a teoria kantiana, na educação o homem deve observar quatro princípios que são considerados fundamentais para uma boa educação que visa um ideal máximo a ser alcançado. Em primeiro lugar, ele argumenta que o homem deve ser disciplinado, “Disciplinar quer dizer: procurar impedir que a animalidade prejudique o

caráter humano, tanto no indivíduo como na sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria” (1999, p. 25). Outro ponto fundamental para Kant é a necessidade de o homem tornar-se culto. “A cultura abrange a instrução e vários conhecimentos. A cultura é a criação da habilidade e esta é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejamos” (KANT, 1999, p. 25 - 26). Num terceiro momento, o filósofo sustenta que é de suma importância que “A educação deve também cuidar para que o homem se torne prudente, que ele permaneça em seu lugar na sociedade e que seja querido e tenha influência. A essa espécie de cultura pertence aquela chamada propriamente de civilidade” (KANT, 1999, p. 26). Na quarta e última argumentação, Kant reforça a importância e ao mesmo tempo a necessidade de o ser humano cuidar da moralização. Segundo Kant, “[...] não basta que o homem seja capaz de toda sorte de fins; convém também que ele consiga a disposição de escolher apenas os bons fins. Bons são aqueles fins aprovados necessariamente por todos e que podem ser, ao mesmo tempo, os fins de cada um” (KANT, 1999, p. 25). Kant afirma que os bons fins são aqueles válidos para todos os homens e ressalta que para se alcançar tais fins, é necessário treinamento, disciplina e instrução.

A moralidade, segundo retrata Kant em sua obra *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, constitui uma série de ações praticadas conforme a autonomia da vontade, autonomia essa que consiste em escolher máximas da própria vontade, transformando-as em leis universais. O processo educativo do homem na perspectiva Kantiana tem como finalidade primeira formar o indivíduo para viver em sociedade, transformando a coação externa em liberdade e autonomia e isso se manifesta por fazer com que a disciplina imposta pelo educando passe a ser gradativamente uma coação interna do ser humano, quando ele terá plenas condições de se dar leis e viver sob as mesmas. As leis universais servirão para o próprio homem e para todos os outros homens, como sustenta a máxima Kantiana: “Age de tal modo que a máxima da tua vontade possa valer sempre ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal” (KANT, 1995, p. 42).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstrou a importância da educação tendo como base as concepções apresentadas por Emmanuel Kant e Paulo Freire. Ambos acreditam e defendem a tese de que a educação é um processo que precisa acontecer de maneira progressiva, ou seja, no decorrer dos tempos. A educação deve ser entendida como o substrato capaz de lapidar a brutalidade do homem e humanizá-lo.

Verificou-se também que tanto Kant como Freire acreditam que a educação é algo essencialmente pertencente ao ser humano. Somente o homem pode educar e ser educado, sendo ele o único capaz de pensar sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo. Diferentemente dos demais animais, o homem é um ser questionador e problematizador da realidade na qual vive. O homem é um ser social, cultural e histórico que se constrói e se realiza na relação com o outro.

Constatou-se, também, que o homem não é um ser pronto e acabado, mas um ser dinâmico que está lançado num processo de abertura numa busca constante por ser mais. Esse processo de abertura representa um ser que ainda não é o que se pretende ser, ou o que deve ser. Nessa perspectiva, o homem kantiano e freiriano apresenta-se como um ser inacabado, ou seja, necessita ser educado, direcionado e bem instruindo para que possa agir de maneira sábia e equilibrada. Segundo Paulo Freire, o homem é um único ser que tem consciência do seu inacabamento e é justamente por possuir consciência de tal inacabamento que o diferencia dos demais seres.

Portanto, Kant e Paulo Freire entendem que a educação é um processo indispensável na vida do ser humano, pois possibilita um melhoramento do sujeito pensante, isto é, um aperfeiçoamento das potencialidades existentes no indivíduo. Sem a educação, o homem não se realiza plenamente, visto que ela é a grande responsável pela construção e humanização do ser humano. É importante ressaltar que o indivíduo nunca estará plenamente pronto e acabado, mas será sempre um verdadeiro devir.

Como citar este trabalho: SILVA, E. J. Os fins da educação em Paulo Freire. *Filosofando: Revista Eletrônica de Filosofia da UESB*. Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, p. 85-99, 2015.

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FREIRE, P. *Educação e mudança*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- KANT, I. *Sobre a Pedagogia*. 2.ed. Piracicaba: Ed. Unimep, 1999.
- KANT, I. *Fundamentos da metafísica dos costumes*. São Paulo: Ediouro, 1997.
- PAVIANE, J. *Problemas de Filosofia da Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.